



APRESENTAÇÃO

A bela obra de arte que ilustra a capa dessa edição comemorativa aos 15 anos da *Revista Historiador* é, também, uma amostra da amplitude do dossiê que aqui apresentamos. *O Almoço na Gramma*, de Édouard Manet (1862-1863), ao retratar um fato do cotidiano parisiense oitocentista, também se constrói como um retalho do passado, trazendo à tona da História aspectos que são registros de uma época, embebidos de arte e representações que extravasam o visível. A arte de Manet agrega alimentação, lazer, diversão, relações econômicas, de gênero, de poder. No dossiê “História e entretenimento: diversão, esportes, alimentação e suas interfaces” buscamos, justamente, reunir artigos que tratassem dessa complexidade.

O trabalho inicial, assinado por Cleber Eduardo Karls e Thaina Schwan Karls, intitulado **Comer, beber e divertir: alimentação, esportes e entretenimento no Rio de Janeiro da segunda metade do século XIX**, aborda a relação entre o desenvolvimento esportivo, dos divertimentos e espaços de alimentação com o processo de modernização da cidade do Rio de Janeiro na última metade do século XIX. Através dos periódicos em circulação na cidade, os autores associam e demonstram a vinculação entre alimentação, práticas esportivas e diversão em distintos locais como restaurantes, confeitarias e hipódromos com as ideias de modernidade latentes no maior e mais importante centro do Brasil à época.

O segundo texto, conta com a autoria de Daniel Venâncio de Oliveira Amaral. O manuscrito tem como destaque duas tentativas de introdução das corridas de cavalos em uma cidade de Minas Gerais, uma em 1898 e a outra entre o final de 1915 e início de 1916. **O comércio das corridas de cavalo em uma cidade do interior de Minas Gerais, 1898-1916**, tem como principal diferencial a análise de um caso de desenvolvimento do esporte em uma pequena cidade mineira, Oliveira, fora da rota principal comumente analisada, que são os grandes centros nacionais. Com isso, Amaral investiga e expõe as peculiaridades locais, especialmente as ligações entre o esporte e as atividades econômicas regionais.

Ainda no contexto da análise das práticas de entretenimento e diversão e da sua relação com as variáveis econômicas e sociais locais, Pedro Alberto Cruz de Souza Gomes apresenta o terceiro artigo: **Os banhos: recreação popular em Feira de Santana**. Ao tratar sobre a temática dos banhos públicos na primeira metade do século XX, Gomes, através de farta documentação, discute as disputas pelas águas assim como a legitimação dos banhos pelos trabalhadores da cidade baiana.



Manoel Pereira da Silva Neto, autor do artigo de número quatro vai muito além da análise do comércio de bebidas. **Venda de garapas e lojas de molhados: cotidiano, sujeitos e conflitos no comércio de bebida do Recife (1820-1830)**, ao utilizar como fontes processos judiciais e periódicos, percebe a relação da bebida extravasando a sua relevância econômica e permeando o lazer, o trabalho e as relações sociais. Disputas, negócios, sentimentos e festividades fazem das garapas importantes personagens da História de Recife no início do século XIX.

Em **Carcará da fome: a relação entre a organização social e cultural com a estrutura fundiária do sertão cearense na década de 1970**, a autora Tamires de Araujo Sousa nos apresenta um trabalho de História da Alimentação que relaciona a estrutura social e fundiária do sertão nordestino na década de 1970 com os hábitos alimentares da população local. A pesquisadora oferece, com propriedade, uma visão abrangente da interconexão entre desigualdade social, propriedade de terras e a alimentação sertaneja.

Como sexto e último artigo temático, ofertamos mais um trabalho que olha para o nordeste brasileiro, mas desta vez, sob as lentes da literatura. **Festa de São José: análise da obra “O Cabeleira” (1876) e a relação da seca em Pernambuco (1775-1793)**, de Joana Cristina Souza do Nascimento Rosa, utiliza o romance *O Cabeleira*, escrito por Franklin Távora e publicado em 1876 como fonte principal da sua investigação. Através da ficção, a autora busca a relação com o “real” e analisa como a festa religiosa foi fundamental para a população local no enfrentamento dos flagelos que assolavam a região no final do século XVIII.

A Revista ainda traz mais quatro artigos de temáticas livres. O primeiro, é um belíssimo trabalho que aborda a metodologia de pesquisa histórica, mais especificamente, a leitura de músicas como fontes. **O ouvido do historiador: como o blues pode nos ensinar sobre o método da leitura musicalizada**, de Kenny Kendy Kawaguchi, se propõe a investigar as músicas muito além das composições escritas. Kawaguchi demonstra, com muita propriedade e de maneira inovadora, como a leitura musicalizada pode ajudar o historiador no seu ofício, abrangendo variáveis analíticas, até então, pouco utilizadas pelos pesquisadores.

Como segundo artigo de temática livre, apresentamos o texto escrito por Francisco de Assis de Sousa Nascimento e João Vitor dos Santos, intitulado **Da invenção do Renascimento: as querelas do nascer da Idade Moderna europeia**. O manuscrito sugere um debate historiográfico que procura fugir da dicotomia entre medievo e modernidade, “trevas” e “luz”, mas complexifica esse debate no sentido de



perceber o Renascimento e, conseqüentemente, a Idade Moderna, como um hibridismo, conjunto de inovações e permanências.

O próximo trabalho publicado, trata de uma temática característica do Brasil Colonial. **Moenda velha, engenho novo: corrupção, contrabando e reforma pombalina em Pernambuco (c. 1758-1778)** tem como autor Daniel Costa, e discute, através de fontes primárias e historiográficas, os impactos das reformas pombalinas e do combate às práticas ilícitas na capitania de Pernambuco no século XVIII.

Finalizando essa edição comemorativa, um artigo de Lucas William Barbosa Laroca. **A voz que se cala, os olhares que condenam: produções narrativas sobre um crime sexual em Irati-PR (1963)** analisa historicamente um processo-crime que trata de um ato de sedução, que teria ocorrido em uma noite de baile em uma comunidade rural de Irati (PR), no ano de 1963. Com uma leitura aprofundada da documentação, o autor pretendeu perceber relações de poder, intencionalidades e características da abordagem judicial em um crime que envolveu questões econômicas e de gênero.

Com isso, esperamos que a edição de 15 anos de *Revista Historiador* continue contribuindo com o conhecimento daqueles que são apaixonados por História, pelo saber e defendem a ciência.

Vida longa à *Revista Historiador*!

Boa leitura!

Cleber Eduardo Karls e Thaina Schwan Karls

31 de Dezembro de 2023.